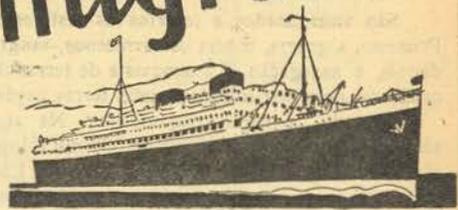


O Assistente ao Emigrante



Órgão do Sindicato Nacional dos Empregados da Assistência aos Emigrantes em Navios Estrangeiros do Distrito de Lisboa

Redacção e Administração

— RUA DE S. PAULO, 216-2.º —
TELEFONE 28605

DIRECTOR: Bernardino dos Santos
EDITOR: Cesário dos Santos Monteiro
Propriedade do S. N. E. A. E. M. E.

Composição e Impressão:

CALÇADA DOS CAETANOS, 18
TELEFONE 21450

BARRA FORA... A GUERRA! BARRA FORA...

A Caixa de Auxílio

Cada vez se torna mais difícil a resolução do problema da Caixa de Auxílio do Sindicato.

Com a situação actual o problema reveste-se de aspectos novos, aspectos que seria util ir encarando, ao menos para se ir auscultando o pensamento da classe.

Com a perspectiva que o futuro deixa prever: a paralização total ou quasi total dos embarques, poderá o capital acumulado na Caixa de Auxílio constituir um fundo de resistência?

Poderá esse capital servir de primeiro amparo à classe asoberbada com uma crise mortifera, praticando-se uma distribuição profissional por todos?

Será, por outro lado, aconselhável a permanência desse dinheiro em regime de capitalização, aguardando o regresso à normalização?

Que pensa a classe a este respeito? Quem apresenta depoimentos?

Quem deseja expressar a sua opinião pode fazê-lo por escrito ou verbalmente para a direcção, que assim irá conhecendo o que se pensa sobre este momentoso assunto.

Uma carta

Escreve-nos a associada D. Idalina Eugénia para que agradecemos publicamente o carinho que todos os colegas tiveram por ela na sua última viagem, visto que, sendo o seu estado de saúde bastante mau, eles a auxiliaram quer executando o seu serviço quer colaborando no seu tratamento.

Foi um gesto de solidariedade interessante que deve ser registado como exemplo.

Biblioteca

Na conferência que há pouco se fez à nossa biblioteca notou-se a falta do livro *O Emigrado*, de Blasco Ibañez.

Pedimos ao associado que o tenha em seu poder o favor de fazer a sua entrega.



Vai o mundo entrar numa nova guerra, segundo os acontecimentos que se estão a desenrolar com uma rapidez confrangedora.

Vai correr o sangue dos inocentes, vão consumir-se como numa fornalha destruidora, as vidas preciosas dos homens, dos velhos e das crianças.

A Humanidade irá conhecer, de novo, as trágicas horas de luto e de dôr; irão reavivar-se feridas mal saradas, saudades ainda não esquecidas daquela outra hecatombe de sangue que há 25 anos caiu sobre o mundo.

A Civilização, as prometedoras esperanças da juventude, as ilusões fagueiras dos homens velhos tudo irá derruir com a morte cruel que os canhões semearão por toda a parte.

Com a invasão da Polónia pela Alemanha, a guerra desencadeou-se e ameaça tornar-se mais brutal que a de 1914, se possível.

Neste momento há já vítimas inocentes, velhos e crianças ceifados à vida com crueldade!

Não vingaram os brados de Paz lançados por tantos e tantos homens; a guerra começou e as consequências já se fizeram sentir.

Um dia virá em que o homem compreendendo melhor a sua finalidade na terra, se resolva, enfim, a discutir todas as suas questões com calma, executando as suas aspirações com Paz e Harmonia!

“O Assistente ao Emigrante,,

Devido a anormalidade da situação internacional, «O ASSISTENTE AO EMIGRANTE», suspende temporariamente a sua publicação.

Visado pela Comissão de Censura

Secção do Funchal

Prevenimos os nossos associados que a nossa Secção do Funchal acaba de fixar-se numa sede própria, sita na Rua do Esmeraldo, 51-2.º

A inauguração oficial não ponde fazer-se ainda, por motivos estranhos a nossa vontade, mas sê-lo à na devida oportunidade.

Convidamos os nossos associados a visitar a sede da Secção, quando passarem por aquele porto.

Acidentes de trabalho

Num dos nossos últimos números fizemos largas considerações sobre o que se passa de vergonhoso nas questões de acidentes de trabalho, entre as companhias seguradoras e os trabalhadores.

Apontamos a situação de sem defesa em que se acham os acidentados em face dos colossos que são as companhias de seguros, apetrechadas fortemente para todas as lutas que se conduzam a pagar o menos possível aos trabalhadores que teem a triste sorte de se acidentarem.

Conhecemos alguns casos, e dentro do nosso Sindicato temos um que é um formidável libelo acusatório.

Quando esperavamos que toda a imprensa sindical secundasse o nosso apêlo, para que numa acção conjunta junto dos poderes se terminasse tão vergonhosa situação, pois só dessa imprensa, que é livre e independente, esperavamos o auxílio a expansão da nossa ideia, que verificamos?

Que os órgãos de imprensa de tantos sindicatos, se calaram, como que desinteressados de uma ideia que, talvez por não trazer honras e reclamos dos seus dirigentes, não valeria a pena secundar.

E entretanto os pobres trabalhadores caídos em desgraça na luta pela vida, que fiquem ao dispor da ganância das companhias de seguros que exploram o ramo de acidentes, tão prontas no cobrar dos prémios, como tardias e conflituosas no pagamento das indemnizações e tratamentos.

Quantos fomos e quantos somos

São amargurados e incertos os destinos da grei portuguesa. Primeiro, a guerra, contra os sarracenos, sangrenta e sem quartel; depois, a navegação e a conquista de terras distantes, semeando cadáveres pelo mar infinito e pelas terras pagãs.

Contudo, a nação não declina. Na segunda metade do século XII, não éramos mais de 500 mil e logo, no princípio do século XV, havia segundo Oliveira Martins, 1.500.000 portugueses número que outros historiadores consideraram exagerado, sendo certo que o censo mandado fazer pelo rei D. João III apenas contava 1.326.000, constituindo 278.408 fogos.

As guerras da Índia desfalcavam muito a população e só a província do Minho mantinha uma densidade animadora — 817 habitantes por légua quadrada.

Veio, depois, Alcácer-Quibir, e o estado do país era deplorável; as lavouras tinham sido lastimosas e mais de 2 mil trabalhadores emigraram para a Espanha; a peste afugentara de Lisboa mais de 20 mil pessoas.

A dominação espanhola aumenta a tristeza do quadro. Emigram os que podem — caminho nunca esquecido — e muitas centenas de homens válidos vagueiam por povoados e campos, pilhando quanto podem, de gôrra com os soldados sem paga.

As epidemias continuavam a obra de miséria e ruína do domínio estrangeiro, enquanto os portugueses fugidos invadiam as grandes cidades da nação vizinha a ponto de um quarto da população de Sevilha ser da nossa gente.

Com a Restauração, uma nova época surge. Mas, 24 anos de combates não permitem que a raça retome o seu *élan*.

Éramos em 1640, segundo J. Lúcio de Azevedo, 1.300.000. Em 1732, o número elevava-se a 1.742.807 habitantes, alojados em 459.800 fogos («Geografia histórica» de D. Luís Caetano de Lima).

Posteriormente, Pina Manique, o célebre intendente da policia mandou proceder ao censo da população, sendo, porém, os números considerados em subido exagêro. Mas, parece poder considerar-se certo que no último quartel do século XVIII Portugal tinha 2.500.000 habitantes.

Ao alvorecer do século XIX dois recenseamentos simultâneos são tornados públicos. O civil dava 2.931.930 pessoas, e o eclesiástico, mais modesto, 2.875.413.

Quanto caminho andado, quantas esperanças novas!

Mas, vem a Revolução Francesa abrir uma nova era no mundo. Acende-se a guerra e o seu reflexo chega até ao nosso País — que nela não encontra nem honra, nem proveito. A duplicidade da política não nos evita o vexame das invasões e as catástrofes que as acompanham.

A estas perturbações seguem-se as lutas civis e somente em 1852, com a Regeneração, há, finalmente, paz.

Faz, aproximadamente, meio século, que Portugal retoma a sua marcha ascensional, acompanhando, timidamente, o progresso da Europa, que nesse tão «renegado» século XIX vê a sua população passar de 100 a 300 milhões.

Assim, em 1890, Portugal já conta 5.059.729 habitantes e segue:

1900, 5.423.132; 1910, 5.960.056; 1920, 6.080.135; 1930, 6.795.440;

Evidentemente, estes números traduzem um desenvolvimento do industrialismo e marcam um aumento consideravelmente progressivo do êxodo da população rural para os grandes centros urbanos.

Lisboa, que à data da conquista cristã contava 14.000 habitantes, no século XVI, 100.595, e em 1880, 163.763 — vê o seu crescimento demográfico precipitar-se:

1890, 298.538; 1900, 356.000; 1910, 435.359; 1920, 486.372; 1925, 529.524; 1930, 594.390;

(De «O Montemorense»)

UM ELOGIO

Uma carta do nosso associado Alexandre Ramos

Sr. Director de «O Assistente ao Emigrante»

Tendo chegado ao meu conhecimento que, em virtude do artigo *Um elogio* publicado na 2.^a página do n.º 42, alguns Ex.^{mos} Srs. Doutores, dignos desta sua qualidade, se sentiram feridos na sua dignidade, devo, embora tardiamente, fazer sobressair a seguinte justificação.

Quando escrevi aquele artigo, por lapso deixei de citar nomes de alguns senhores doutores que são bons médicos cujos diplomas são uma garantia do seu saber e honestidade.

Como chefes, quando em serviço, são correctos, delicados e cortezes quer com o pessoal seu subordinado, quer com os passageiros ou pessoal da nacionalidade dos navios e, na sua qualidade de Inspectores, são dignos representantes do nosso País, em tudo se conduzindo à altura do importante cargo que lhes é cometido, com os quais tenho tido a honra de, por vezes, servir. Os nomes desses médicos, desses chefes, são: Ex.^{mos} Senhores Drs. João da C. Furtado, G. Salvador, Elmano Alves, Rodrigues Leite, Leite Perry, Henrique de Pinho e Amaral Cardoso, todos do quadro de Lisboa.

Sei que há mais um ou outro nome do citado quadro que também exercem a profissão e as funções do seu cargo com elevação e dignidade, e com os quais não me foi dado ainda fazer serviço. Segundo informações, são, os Ex.^{mos} Senhores Drs. Serrão de Carvalho, Tavares d'Almeida, Lúcio Serejo e Jorge de Castro.

Esta minha justificação, Senhor Director, vem também a propósito do fundo publicado no n.º 39 do nosso jornal, de cujo artigo creem ser eu o autor, e se julgam atingidos aqueles citados senhores doutores, pelo que entendi dever-se-lhes esta rectificação, com a qual, creio que concordará.

Usando da imparcialidade e sinceridade que sempre me caracterizam em todos os actos da minha vida, declaro mais que, com a publicação do meu referido artigo *Um elogio* inserto naquele n.º 42 não pretendi atingir a digna classe médica no que ela tem de respeitável e no seio da qual há, felizmente, prestigiosos nomes que, pelo seu alto saber e dignidade profissional, como já tive a honra de declarar a páginas 3 do n.º 38 de Abril p. findo *Problemas da classe*

muito nos honram, tanto dentro do País como no Estrangeiro, nomes que, como as árvores, mesmo depois de tombadas, ainda dão sombra.

E, Senhor Director, com o seu favor da publicação desta minha carta ficam registados nas colunas do nosso jornal, também, os nomes daqueles Ex.^{mos} Senhores Doutores que, na futura reorganização dos Serviços de Emigração serão os preferidos.

E, até sempre seu camarada muito grato

A. Martins Ramos
Enfermeiro

N. R. — *Para completo esclarecimento de quem nos lê, e para pôr as coisas no seu devido lugar, declaramos que o artigo de fundo do nosso número 38, a que esta carta alude, não foi da autoria do sr. Alexandre Ramos, o qual nem directa nem indirectamente teve no mesmo qualquer interferência.*

Nesse artigo se diziam meia dúzia de verdades duras para os srs. médicos de assistência aos emigrantes, verdades que nos pareceu necessário e conveniente trazer a público, no intuito de forçar a um aperfeiçoamento dos serviços.

Não citámos nomes, não apontámos especialmente este ou aquele mais culposo, razão porque não nos julgámos obrigados a indicar aqueles que ficavam fora das nossas considerações, e alguns eram evidentemente.

Mas por esse artigo, como de resto em todos os outros que não trazem a assinatura do seu autor, responde inteiramente a direcção deste jornal, unica inspiradora e autora dos mesmos.

Sindicato Nacional

Resumo do movimento de Caixa no mês de Julho de 1939

CONTAS	DÉBITO
Saldo anterior	1.404\$12
Cotas	2.400\$00
Rendas	250\$00
Telefone	2\$70
Despesas Gerais	14\$40
Total	4.071\$22
	CRÉDITO
Rendas	357\$50
Despesas Gerais	203\$55
Expediente	143\$90
Orgão de Imprensa	305\$00
Empregados	860\$00
	1.869\$55
Saldo para Agosto	2.201\$67
Total	4.071\$22

Questões de disciplina

Pelo Funchal

A história de uma lista
de passageiros

Panorama da classe observado de cima

O assunto de que vamos occupar-nos, merece a atenção de todos os profissionais da assistência aos Emigrantes, e reveste-se duma importância imensa, e por isso o recomendamos à atenção de todos os profissionais.

Queremos, referir-nos, ao que ultimamente se vem observando, no que respeita a apresentação do pessoal português, a bordo dos barcos estrangeiros. Como todos sabem, nós conseguimos certas e determinadas regalias, que é preciso não perder, mas para isso, parece-me que alguns elementos que compõe a nossa profissão, tem que mudar de rumo, caso contrário, arriscamo-nos, a perder aquilo, que de bom já conseguimos, e ficaremos todos prejudicados, por causa de alguns.

A apresentação do pessoal

Um dos motivos que me leva a falar assim, é os muitos casos de que eu vou tomando conhecimento, como sejam, a má apresentação de uns e a indisciplina de outros, nos primeiros há que censurar-lhes a sua péssima apresentação com respeito a vestuário e limpeza, como sejam a roupa mal lavada e muito usada, a limpeza do corpo, a barba de 3 dias e mais por fazer, as unhas grandes e sem serem limpas, mal penteados, a roupa a cheirar a suor, e outras coisas que não abonam muito os profissionais da assistência, e muito menos aqueles, que, tem que lidar com os passageiros, e servi-los à mesa.

Há no entanto já muitos que se apresentam decentes mas essas muitas vezes são censurados, por aqueles que por assim se apresentarem chamam-lhes vaidosos.

Quanto ao pessoal de enfermagem . . .

Mas nem só dos creados temos que falar, há enfermeiros e ajudantes, que não ficam atrás de alguns creados, na forma como se apresentam: fardas mal cuidadas outras vezes à paisana que ninguém os conhece, não se sabendo se são passageiros, ou tripulantes, outros imiscuindo-se no meio dos passageiros, com eles jogando as cartas, o que me parece não ser próprio da missão que vão a desempenhar.

As bebidas e as suas consequências

Um outro motivo que nos coloca muito mal, e ousa chamar para elle a atenção de todos,

é o uso imoderado de bebidas alcoólicas. Como todos sabem a bordo existem várias bebidas, mas a mais usual, é a cerveja, e o vinho, nalguns barcos este ultimo anda a granel, como costuma dizer-se, e profissionais há, que adeptos do sumo da uva, muitas vezes bebem mais do que seria necessário para matarem a sede. Vem daí, muitas vezes collocarem-se perante os seus superiores e camaradas, numa situação, pouco ariosa, e quando num ou noutro barco não encontram essa fatura de vinho, vá de fazerem reclamações, muitas vezes sem fundamento.

Sucedem, ainda que alguns, e isso é que ainda é mais lamentável, quando embarcam, e naturalmente com a alegria da partida, apresentam-se a bordo já meios embriagados.

Ora isso é preciso que acabe de uma vez para sempre, para o prestígio e bom nome dos profissionais da Assistência aos Emigrantes.

A promoção inter-quadros como compensação aos melhores

Nós precisamos que o actual regulamento dos serviços de Emigração, seja revisto e adaptado, às actuais necessidades dos serviços de assistência, precisamos de reorganizar os actuais quadros do pessoal que embarca, com a entrada de alguns elementos novos e seleccionados, e promovendo por escolha de aptidão e comportamento, alguns ajudantes a enfermeiros, porque os há com bastante competência, e dentro dos creados e creadas preencher as vagas que se dessem no quadro dos ajudantes, seria até a forma de premiar, aquêles melhor comportados, mas para que isto se consiga, torna-se necessário que todos nos comprometemos da nossa missão, e tratemos de nos educarmos, para conseguirmos, o que se torna mais justo, como seja o nosso futuro.

É fóra de dúvida a razão que nos assiste nestas pretensões, mas para conseguirmos de quem de direito nos atenda, temos que bem servir nos actuais lugares que desempenhamos e quando digo que temos razão em sermos atendidos nos nossos desejos, devemos ser os primeiros a cumprir com tôdas as nossas obrigações; nessa altura cá estará a direcção do nosso Sindicato Nacional para expôr a quem de direito a justiça que é preciso fazer aos componentes da nossa

profissão, mas até lá saibamos cumprir com o nosso dever.

Há certos profissionais que creem nada lhes competir fazer, e vai daí por tudo o por nada, fazerem constantes reclamações, o que tem dado em resultado, que os chamados lugares por fóra da lei de emigração, como sejam, ajudantes de cozinha, e creados dos lavatórios, estarem todos occupados por pessoal estranho ao nosso Sindicato, pagando cotas de viagem na esperança de um dia virem a fazer parte dos serviços de emigração.

A falta de camaradagem outro mal a remediar

Ainda um outro caso que aqui desejamos apontar, e chamar para elle a vossa atenção é a falta de camaradagem, que em muitas equipas se nota como seja o respeito mutuo e a solidariedade entre todos.

Ficariam, todavia, incompletas estas considerações, se não nos referissemos, ao pessoal feminino que na maioria, nos merece muita consideração, mas que alguns dos seus elementos o seu comportamento deixa muito a desejar, se estivesse em nossas mãos, poderemos remediar os males que affectam as profissionais deste sexo, teríamos que fazer uma escolha rigorosa nas actuais componentes dos quadros impondo a todos umas certas normas de disciplina, capaz de as isentar de certos defeitos, e que muito prejudicam o seu nome, e os serviços de assistência aos Emigrantes.

Bernardino dos Santos

CAIXA DE AUXÍLIO

Resumo do Movimento de Caixa no mês de Julho de 1939

CONTAS		DÉBITO
Saldo anterior		5.647\$75
Cotas		2.069\$15
Total		7.716\$90
		CRÉDITO
Rendas		100\$00
Despesas Gerais		20\$00
Fundo de doença		356\$00
Empregados		50\$00
Total		711\$00
Saldo para Agosto		7.005\$90
Total		7.716\$90
EXISTÊNCIA DE FUNDOS		
Em dinheiro		7.005\$90
Em títulos		57.043\$50
Total		64.049\$40

O artigo que publicamos no nosso último número sobre a epigrafe acima, causou certa sensação.

Apraz-nos registar o facto, porque demonstra que este jornal nunca levanta a sua voz de protesto sem uma razão forte.

Por informos que nos chegamos por intermédio da nossa Secção, cujo delegado ignorava estarmos no conhecimento da história, ficou esclarecido superiormente que a tal lista que apareceu com 9 passageiros (facto provado e reprovado), estava errada devido a um lapso do empregado de bordo que a elaborou, o qual em vez de pôr em 14 passageiros últimos o número 3, indicativo de III classe, pôz o número 1, que foi tomado como sendo de primeira.

Não duvidamos se o engano foi produzido sem intenção, mas o certo é que se não é o esclarecimento prestado pelos nossos associados que iam de Lisboa, não se dava por elle, e era menos um homem que seguia.

Com a mesma presteza com que acreditamos na inocência do engano, exigimos que acreditem na nossa única intenção de defender apenas e sinceramente os interesses dos nossos associados.

A-propósito, queremos fazer outro esclarecimento bem mais importante: trata-se da acção das entidades dirigentes dos serviços de emigração no Funchal, neste caso da lista enganada, como de resto em tantos outros.

A começar pelo sr. Tenente Orlando de Oliveira, ilustre Delegado da P. V. D. E. e comandante da Polícia, cujo comportamento para com a nossa Secção tem sido de molde a merecer os mais rasgados elogios, passando pelo sr. Freitas, secretário dos serviços de emigração, Dr. Baltasar, médico da sanidade, e restante pessoal da Repartição da P. V. D. E., todos agiram na questão levantada com a maior rapidez e eficácia, sem que se lhes notasse o menor vislumbre de fraqueza, na defesa dos interesses da classe.

Não era para S. Ex.^{as} o provável azedume das nossas palavras, porque de facto, não temos, até hoje, e sobretudo desde que o sr. Tenente Orlando de Oliveira tomou a direcção daquêles serviços, qualquer razão de queixa.

Nem nós, nem a Secção, nem tampouco o nosso Delegado.

Que isto fique assente e claramente afirmado, porque corresponde à verdade, e traduz, sinceramente, um acto de inteira justiça.

A situação internacional e a nossa classe

A guerra actual, é fora de dúvida que trará à nossa classe prejuízos incalculáveis.

A suspensão das carreiras estabelecidas pela Inglaterra e França, o perigo que envolve essa navegação, vai certamente rarear as viagens para a América do Sul, e conseqüentemente os embarques do nosso pessoal serão menores.

Não se pode, no entanto, considerar completamente parada a actividade da classe.

A situação é grave, evidentemente que o é, mas não desesperada.

Recordemos que na guerra de 1914-18, apesar do perigo que envolvia a navegação as carreiras mantinham-se quasi que com regularidade.

Eram as carreiras de navios neutrais, como os holandeses, espanhóis e brasileiros que faziam essas viagens e nelas o pessoal de assistência ao emigrante, ao tempo sem obrigação official, embarcava.

Ora no presente momento, é de crer que tais carreiras se restabeleçam, logo que passem estes primeiros dias de desorientação.

Mesmo a carreira dos navios ingleses é de supôr que se mantenha, visto que a Inglaterra precisa de conduzir da Argentina a carne e o trigo indispensáveis para a sua manutenção, e só os navios podem fazê-lo.

Embora com cautelas, possivelmente comboiados, estamos convencidos que as carreiras dos "Highland's" voltará a estabelecer-se, passados estes primeiros dias de alarme.

A Direcção está trabalhando no sentido de ir colocar nos navios que aqui toquem qualquer pessoal, para assim ir dando trabalho.

É preciso, pois, que todos correspondam às indicações da direcção, e com ela colaborem estreitamente.

Afim de ir colocando o pessoal, a direcção vai levar superiormente o pedido de que os navios brasileiros levem pessoal de assistência, pois certamente serão estes os navios que transportarão emigrantes para o Brasil. Esperamos que os nossos dirigentes acedam.

Damos abaixo a lista dos vapores que conduziam pessoal nosso associado, dividido por nacionalidades:

VAPORES INGLESES

Highland Chieftain, Highland Monarch, Alcantara, Highland Patriot, Highland Brigade e Anselm.

VAPORES FRANCESES

Belle Isle, Groix, Formose e Aurigni.

VAPORES ITALIANOS

Vulcania.

VAPORES ALEMÃES

Cap. Norte, Madrid, A. Delfino, Monte Pascoal, General Artigas e Monte Olívia.

O pessoal embarcado nos navios acima compõem-se de:

- 11 enfermeiros de ambos os sexos
- 8 ajudantes de enfermagem
- 51 criados
- 11 criadas
- 23 cozinheiros e ajudantes

104

A Direcção está em contacto permanente com as agências consignatárias dos navios, afim de obter informações sobre os locais onde foram desembarcados os nossos sócios.

As famílias, devem, pois, dirigir-se à sede procurando essas informações.

Esclarece-se que o pessoal tem de ser mantido e colocado em Lisboa por conta das companhias, tendo direito a vencimento até ao dia do seu desembarque aqui.

A emigração em navios brasileiros

Um apêlo que deve ser ouvido

Com o actual estado de guerra em que se lançaram as nações que detinham as carreiras regulares de Portugal para a América do Sul, a emigração portuguesa nesses navios irá sofrer uma razoável baixa.

Fica, portanto, ao emigrante apenas os navios neutros como único meio de transportar-se, e destes apenas os brasileiros mantêm uma carreira regular.

Ora por incompreensível determinação, os navios brasileiros gosam de uma regalia condenável: a isenção de matricular pessoal de assistência ao emigrante.

De forma que, o pessoal de assistência, num total de cerca de 300 indivíduos de ambos os sexos, ficarão, mercê da guerra em dolorosa situação de miséria, se superiormente não fôr determinado que os navios brasileiros fiquem abrangidos pelas disposições do decreto 19.029.

Se o movimento emigratório se transferirá todo para os navios brasileiros, porque não hão-de os nossos emigrantes de continuar gosando a bordo desses navios, a regalia de uma assistência feita por pessoal português?

E porque haverá de consentir-se que fiquem passando miséria e fome trezentos trabalhadores portugueses abrangidos pelas dolorosas conseqüências da guerra, em quanto numa nação estrangeira—posto que amiga—vem aqui usufruir fartos lucros com a nossa emigração, sem que contribua com a sua cota parte para a manutenção de 300 trabalhadores portugueses?

A direcção do Sindicato já há anos que vem clamando para obter esta regalia.

Agora que a guerra modificou tantas coisas, justificando medidas de excepção, porque não há-de o Governo Português rescindir essa isenção actualmente ruinosa para a nossa classe?

Confiamos nos nossos governantes, confiemos em Salazar e estamos certos que seremos atendidos.

Confiamos em Salazar!

Seremos atendidos porque ele não deixará morrer de miséria 300 trabalhadores!

Escala de Vapores

durante o mês de Setembro de 1939

PARA O SUL:

Dias	Vapores	Gais	
6—	Monte Rosa	Alcantara	
9—	Lipari	Rocha	Toca no Porto
12—	Hig. Princess	"	Toca no Porto
13—	Monte Sarmento . .	Alcantara	Toca no Porto
13—	Hilari	"	
14—	Nea Hellas	Rocha	
15—	Almazorra	Alcantara	
16—	Pasteur	"	
20—	General S. Martin .	"	Toca no Porto
21—	Vulcania	"	
22—	Jamaique	Rocha	Toca no Porto
26—	H. Brigad.	Alcantara	Toca no Porto

PARA O NORTE:

Dias	Vapores	Gais	
1—	Nea Hellas	Rocha	
1—	Vulcania	"	
2—	Almazorra	Alcantara	
3—	Highland Brigad . .	Rocha	
7—	Aurini	"	
7—	Cap Norte	"	
16—	Alcantara	"	
16—	Monte Olívia	Alcantara	
17—	Highland Patriot . .	Rocha	
17—	Anselm.	Alcantara	
18—	Formosa	"	
22—	General Artigas . .	"	Toca no Porto
28—	Monte Pascual	Rocha	

Devido à anormalidade da situação internacional, que torna problemática a navegação, esta escala de vapores não obstante ser official, deve sofrer grandes alterações, visto a maior parte dos navios não tocarem no nosso porto.